

Desatando Nós

23 ABR 1996

O ministro do Planejamento, José Serra, declarou recentemente que o investimento no Brasil rende, no conjunto, mais produção do que em outros países. São muitos os nossos trunfos: uma economia grande, bem dotada de recursos naturais, com economias de escala e diversidade. Em mais de um século, de 1870 a 1980, este foi o país que mais cresceu no mundo, sem ser o país que mais investiu.

Registre-se, em compensação, o preocupante contraste entre a vitalidade da economia e a fragilidade da saúde política do Brasil. Como se os brasileiros tivessem dificuldade em ajustar seus hábitos políticos às gigantescas possibilidades de crescimento do país. A potencialidade econômica torna-se, assim, refém da dificuldade de desatar os nós políticos que impedem sua atualização.

As peias políticas podem ser identificadas, por exemplo, na morosidade com que se votam, neste momento, as reformas necessárias à sustentabilidade do real. Se o Congresso manteve ritmo animador no ano

passado, a produção deste ano está sendo aflitivamente baixa. As importantíssimas reformas Previdenciária, Administrativa e Fiscal marcam passo. E há mais: aguarda-se impacientemente a regulamentação das reformas econômicas já votadas.

A aprovação das reformas econômicas — o fim dos monopólios das telecomunicações, gás, petróleo, navegação de cabotagem e empresa nacional — já completou 10 meses sem que até agora nenhuma delas tenha entrado em vigor, por falta de regulamentação. A célebre Comissão Especial encarregada de elaborar os projetos de regulamentação está engavetada há seis meses.

Anuncia-se para hoje, finalmente, a sua instalação. Seria conveniente aproveitar a oportunidade para, numa semana de horizontes desimpedidos e espíritos desarmados — como há muito não se via — começar a retirar a camisa-de-força que embaraça o Brasil. Se o Parlamento é o lugar onde se parlamenta e debate, o Legislativo também é o lugar onde se legisla e vota.